

A Última Noite

Sexta-feira. Noite.
Noite mais longa
que os sete anos de André,
os nove anos de Ivo,
noite mais longa
que o beijo de Clarice.

Na carne da sombra
outras sombras se desenham
buscando formas humanas
(é necessário um disfarce mínimo)
contra o claro corte de luz.

Ninguém viu como chegaram.
Em torno a treva abriga
o passo de seus filhos.

As mãos sedentas de gritos,
de prisões, de chagas,
arrastam teu corpo
ao território da treva.

Mas não estás sozinho,
nunca mais estarás sozinho.
Teus irmãos te resgatam
e adiam para amanhã
o riso dos chacais.

De tuas mãos ainda brotará
o último noticiário da noite.
Preso entre os dedos
o endereço da morte.

Sobreviveremos

Perdemos a noção do tempo.

A luz nos vem da última lâmpada,
coada pela multidão de sombras.

A própria voz dos companheiros tarda,
como se viesse de muito longe,
como se a sombra lhe roubasse o corte.

Nessa noite parada sobrevivemos.

Ficou-nos a palavra, embora reprimida.

Mas o murmúrio denuncia que a vitória
não foi completa. Dobra o silêncio
e envia o abraço de alguém
cujo rosto nunca vimos e, todavia, amamos.

Nessa noite parada sobrevivemos.

Sobreviveremos.

Ficou-nos a crença, de resto, inextinguível,
na manhã proibida.

(74)

A palavra sepultada

Hoje eu queria dizer-lhe muitas coisas,
de resto, ninguém mais poderia ouvir-me.
Seu coração receba o vento de minha dor.
A porta do calabouço cerrou os dentes
sobre meus ossos.
A morte visita minha boca
num murmúrio sepultado e inútil.
Sinto enorme o peso das palavras.
É quando a mudez se tornou vício.
É quando o muro não cercou o corpo apenas
e há coisas necessitando explodir.
É quando a palavra dita não vem do cerne
e se perde na cinza.
Eu queria dizer-lhe muitas coisas,
Não há como fazê-lo.
Na cela ao lado, um companheiro morto.
Algo a dizer sobre isso?
O que pode o grito se não se perpetua?
As palavras estão gastas, mortas por dentro.
Meu corpo será meu grito,
embora hoje permaneça mudo
e sem esperança de compor um canto urgente.
Hoje eu queria dizer-lhe muitas coisas...
(73/75)

Companheira

Senti teus olhos na sombra
como diamantes mudos,
teus olhos aprisionados
como passarinhos.

Guardei no peito teus olhos
de madrugada rebelde,
rompendo a noite
dos corredores.

Tomei na sombra tuas mãos feridas
como terra semeada
e aprendi o ódio dos escravos
no instante que precede a revolta.

(74)

Perguntaram-me muitas coisas...

Perguntaram-me muitas coisas
mas eu estive calado, porque
é inútil falar aos inimigos
quando os inimigos são fortes.

Porque é inútil repetir
ao assassino de meu irmão
as cores da manhã
reconstruída sobre sua morte.

Eu lhes narrei apenas, nos intervalos da dor,
as promessas de incêndio,
o povo na casa dos opressores,
o muro dos justicados.

Perguntaram-me muitas coisas
mas eu estive calado, porque
é inútil falar aos inimigos
quando os inimigos são fortes.

(74)

As mãos limpas

Ao companheiro Alexandre Vannucchi Leme,

Assassinado em 17 de março de 1973

Sobre a mesa as mãos de um homem:
Branças, limpas, tranqüilas.
Mãos de um habitante das cidades.
Por si mesmas não dizem nada.
Acariciam os cabelos dos filhos,
o rosto da mulher, compram os jornais,
dirigem o automóvel,
estarão suadas ao meio-dia.
Esses, afinal, são gestos universais.
Contudo, neste fim de tarde, eu as vejo
Exaustas, vazias, manchadas de sangue.
O corpo de Alexandre repousa sem algemas,
(é pouco mais que um adolescente)
Da boca obstinada não fugiu palavra
e, na morte, seu rosto resplandece.
Daquelas mãos não se dirá:
“Estão marcadas com o sangue dos inocentes”.
Ei-las: lavadas, neutras, polidas cuidadosamente,
prontas a repetir gestos universais.
Acariciar os cabelos do filho,
o rosto da mulher,
passear pela cidade, insuspeitadas.
Ir ao cinema. Levar o cigarro à boca.
Confundir-se entre mãos comuns
dos homens comuns, dessa cidade comum.
(73)

O capuz

Cá está o capuz sobre a grade.

Traz consigo uma segura
promessa de dor. Na boca
do sentinela um meio riso.

Cá está uma parcela da noite
cobrindo meu rosto.

A mão de meu inimigo
determina o caminho.

Pelos corredores aprendi
o jeito inseguro dos cegos.

As mãos tateando a parede.

Sob os pés a escada imprevista,

o degrau a mais, a queda,

o riso dos soldados,

o gesto perdido buscando

uma porta que não houve.

O passar dos dias

e as cicatrizes no corpo

ensinaram-me esse caminho.

Nos dedos guardei as arestas,

o ferro das portas,

o fio dos dínamos.

No dorso a marca

desses dias de sombra.

O capuz repete a dor

no corpo de cada combatente,

uma dor mercenária

recrutada a serviço da noite.

(74)

As mãos atadas

No hora do grito
é difícil perceber algo
no rosto dos perseguidos.
Alguns ganham a cor dos homens aflitos,
Outros, um cansaço de mil anos, ou ainda,
a maneira triste dos homens capazes de morte.
Taciturnos depois da noite de suplício.
Era voz de mulher
mas nenhum de nós lhe viu o rosto.
Não é preciso dizer nada
e guardo meus pensamentos:
(contra os golpes do carrasco
restou apenas
a força de minha crença.
Essa foi minha arma,
essa terá sido a sua.
Será a do último
torturado desta guerra.)
.....
Se algum dia tiveres
de enfrentar essa batalha
não contes com a morte rápida.
Não te espantes de estar vivo
depois do primeiro dia.
Foi apenas o primeiro dia.
Sobretudo não contes
com o gesto humano,
nas mãos de teu carrasco.
Não procures aqui
um gesto que se perdeu
na rua dos oprimidos.
Entre as mãos caladas do torneiro
regressando ao subúrbio,

talvez encontres um gesto humano. (74)

I. Abertura 1975

A Porta dos palácios não se fechou.
Há pranto no país?
Mobilizai reservas de silêncio!
Da praça onde o último canto,
o último pranto resistem,
não fuja nada
além do gesto emudecido.
É imprescindível
manter o canto sitiado.
O eco do pranto não roube
o sabor do banquete.
O sangue dos rebelados não tinja
o verde-ouro das divisas,
e haja sombra suficiente
a envolver os alicerces do "milagre" ...
Não chegue o ofício da morte
além do rigoroso limite da noite.
Não se permita à mão ferida
semear a surda semente de liberdade.

II. A Espera

A noite rouba o contorno das coisas.
Um silêncio povoado de perguntas
habita a casa e teus olhos, mãe.
As crianças adormeceram sem resposta.
Plantada no peito
um secreta semente de inquietude.
Acidente? Os hospitais não responderam.
A noite abriga muitos perigos.
Os poderosos do dia se calam.
Há, contudo, muitos crimes no país...
.....
Um rumor de passos na escada.
A angústia desfeita, uma vontade
de rir dos vãos temores,
das horas perdidas de sono.
Mas a porta range
como se reclamasse mais carinho
e os sapatos na sala não têm
o jeito sossegado de quem retorna.
Tem, antes, um pisar sombrio
que marca o chão e teus olhos, mãe.
Vieram calados

como um vento de desesperança.
A chuva insiste em dissolver
os passos esquecidos no jardim.

Pedro Tierra e os Poemas do Povo da Noite

Resta agora um silêncio maltrapilho
como o instante que precede o pranto.

III. O Destino

Batidas as portas.
Perdidas as chaves da sombra.
Esta é uma terra de crime.
Marco na parede o nome dos mortos
e morro no corpo de cada um
e revivo, cinza recomposta,
nos sonhos de cada um...
Lavo as feridas do tempo.
Recolho entre os dedos
a chuva e com ela componho
e com ela componho
um acalanto humilde
ao sono dos torturados.
E cada um é um só e todos,
é meu pai, meu irmão,
a noiva perdida, é meu próprio corpo
marcado pelo suplício.
E cada um é força. Semente.
E não há noite, por mais treva,
capaz de ceifar as flores,
sentinelas dos túmulos
provisoriamente ignorados...

IV. Persiste a Sombra

Atrás das portas abertas
a pedra dos muros vigia,
a sombra dos mortos persiste,
o grito dos vivos corrói
as paredes da noite.
Os poderosos do dia se calam.
Há, contudo, muitos crimes no país...
Marco nas paredes da cela
o nome dos esperados
e espero no corpo de cada um.
Revivo, cinza recomposta,
nos sonhos de cada um.

Poema – Prólogo

Fui assassinado.
Morri cem vezes
e cem vezes renasci
sob os golpes do açoite.
Meus olhos em sangue
testemunharam
a dança dos algozes
em torno do meu cadáver.
Tornei-me mineral
memória da dor.
Para sobreviver,
recolhi das chagas do corpo
a lua vermelha de minha
crença,
no meu sangue
amanhecendo.
Em cinco séculos
reconstruí minha esperança.
A faca do verso feriu-me a
boca
e com ela entreguei-me à
tarefa de renascer.
Fui poeta
do povo da noite
como um grito de metal
fundido.

Fui poeta
como uma arma
para sobreviver
e sobrevivi.
Companheira,
se alguém perguntar por
mim:
sou o poeta que busca
converter a noite em
semente,
o poeta que se alimenta
do teu amor de vigília
e silêncio
e bebeu no próprio sangue
o ódio dos opressores.
Porque sou o poeta
dos mortos assassinados,
dos electrocutados, dos
“suicidas”,
dos “enforcados” e
“atropelados”,
dos que “tentaram fugir”,
dos enlouquecidos.
Sou o poeta
dos torturados,
dos “desaparecidos”,

dos atirados ao mar,
sou os olhos atentos
sobre o crime.
Companheira,
virão perguntar por mim.
Recorda o primeiro poema
que lhe deixei entre os dedos
e diz a eles
como quem acende fogueiras
num país ainda em sombras:
meu ofício sobre a terra
é ressuscitar os mortos
e apontar a cara dos
assassinos.
Porque a noite não anoitece
sozinha.
Há mãos armadas de açoite
retalhando em pedaços
o fogo do sol
e o corpo dos lutadores.
Venho falar
pela boca de meus mortos.
Sou poeta-testemunha,
poeta da geração de sonho
e sangue
sobre as ruas de meu país.

HÁ UM LUGAR NA BARRICADA

Quando o povo bater à porta,
não te encontre com as mãos
vazias.

Confere as coisas embaladas: não
se permitem dúvidas nas bagagens
de guerra.

Se entre os companheiros ainda
há quem pergunte a razão
dos poetas,
encontra, primeiro, teu lugar na
barricada, depois, entre os combatentes,
aponta
o rosto enérgico de tua poesia.

TECENDO O CANTO

“... Hemos sembrado la tierra con muertos que sin duda florecerán...”

Alberto Szpunberg

Recolho no ar teu verso claro
à maneira dos cantadores
do meu país.

Hoje, silenciosa, a terra trabalha
seus mortos como quem nutre
sementes de luz.

Possa algum perseguido,
encerrado nos calabouços
da América

alcançar meu verso humilde
e comporemos o vasto coro
dos oprimidos.

Não importa que hoje nos tremam os lábios
e a voz caminhe incerta
pela garganta,
se amanhã o canto
romperá na boca
de milhões.

Recolho entre as mãos teu verso
como o fuzil do companheiro
tombado.

Não importa que o corpo
de cada morto plantado
tarde a florescer.

DOMINGO

Um dia silencioso.

Um desses dias frios,
de mortal tristeza,
o gesto de ódio fechado nos armários.

Um dia sem tortura normal
dos dias comuns.

No ar apenas a tensão palpável
dos seres sem defesa.

Um dia rigorosamente inútil.

Mas vem agora essa cantiga.

Uma vizinha miúda,
vinda não sei de onde,

e é como se todos a esperássemos.

Sabe tornar maior ainda o silêncio:
aqui um ato de amor
é sempre um desafio.

Como reconforta ouvir a voz
dessa menina sem nome.

Saber que resiste o brilho de seus olhos
iluminando a noite,

enquanto outras estrelas se reúnem
buscando nova luz.

Saber que a criatura humana resiste.

Saber que vencemos a última batalha.

OS MATERIAIS

Eu quis a palavra reta
feito faca.

Eu fiz do verso o corte branco
do metal.

O lento sal dos anos
não lhe roube o fio.

O inimigo não possa
empunhá-lo durante a luta.

Se o carrasco, algum dia,
levar aos lábios meu poema,

o vidro claro do verso
lhe corte a boca.

E a palavra não se renda
à tortura.

E quando eu disser: pedra,
não se entenda pão.

Quando eu disser: noite,
se encontre nela todo poder de treva.

Quando eu disser: eis o inimigo,
mate-o antes do amanhecer.

E ME INTERROGO...

Chego ao final do poema
e me pergunto
estará aí o material proposto?

Reconheço, o suor do corpo
talvez tenha roído
o fio do material.

Terei garantido o corte do verso?
Ou se perdeu a palavra
numa rede de lamentos?

Teus versos têm a mesma roupagem,
dirão. Certamente, responderei,
como os soldados em marcha.

Possa meu poema acender em cada um
alguma coisa além das fogueiras
que iluminam a frente de batalha...

Marcha pela Anistia

Venho da pátria dos tormentos.
Venho de um tempo de crimes.
Venho das chagas que a noite
lavrou na carne dos homens.

Não pedirei perdão
à corte dos meus carrascos
pelo grito de rebeldia
arrancado do meu sangue,
pelo sonho,
pelo sonho,
pelas armas,
pela marcha do meu povo
contra os muros!

Como se desata o cereal da terra,
levanto meu corpo de trigo
do corpo estendido de Orocílio Martins
sementeira de fúrias e esperanças –,
sangrando nas ruas rebeladas de Minas.

Liberto meu canto de pássaro
da voz impossível dos mortos:
luz acesa no porão da treva,
memória enterrada do povo.

E canto pela boca destroçada
do Comandante Carlos Marighella
dez séculos depois do silêncio;
pela garganta emudecida
de Mário Alves,
grito eterno que anda;

pelos olhos vazados
de Bacuri,
estrelas sangrando na memória;

pelas cabeças cortadas
no vale do Araguaia,
terra de rebelião;

pelo peito metralhado
do Capitão Carlos Lamarca,
granito de sonho enterrado
entre as pedras do sertão;

pelo corpo mutilado
de Manoel Raimundo Soares,
nas águas do Rio Guaíba,
sangue dos ventos do sul;

pelas mãos atadas de Alexandre,

arados de terra livre;
pelo sangue derramado
de Aurora Maria do Nascimento,
promessa de amanhecer.

E me faço boca
de todas as bocas
assassinadas,
canto de todos os cantos
aprisionados,
sonho de todos os sonhos
submergidos
pela mão armada
dos carrascos do meu povo.

Hoje, o Poder se absolve dos seus crimes.
Mantém à sombra dos seus muros
os açoites e as vergastas.
Recolhe sob a manga verde-oliva
as mãos ensangüentadas dos verdugos
e espera...

E as mães aflitas do povo
tecem nos cegos teares da dor
um espesso tecido de agulhas infinitas:

quem responderá pela morte
dos meus filhos?

Quem responderá pelos torturados
até a loucura?

Quem assassinou a esperança
de Frei Tito?

Quem prestará contas ao meu coração
pelo destino dos devorados?

Pelas vidas, pelos sonhos
que a Noite transformou em cruzes?

Hoje, o Poder se absolve dos seus crimes.
Recolhe sob a manga verde-oliva
as mãos ensangüentadas dos verdugos
e espera...

Do ventre fecundo
das filhas do povo,
das cinzas dos ranchos,
da terra queimada,
das marchas, das greves,
das ruas feridas
nascerão seus julgadores!

A pedagogia dos aços

Pedro Tierra
Candelária
Carandiru
Corumbiara
Eldorado dos Carajás...
A pedagogia dos aços
Golpeia nosso corpo
Essa atroz geografia.
Há cem anos,
Canudos
Contestado
Caldeirão...
A pedagogia dos aços
Golpeia no corpo
Essa atroz geografia...
Há uma nação de homens
Excluídos da nação
Há uma nação de homens
Excluídos da vida
Há uma nação de homens calados,
Excluídos de toda a palavra.
Candelária
Carandiru
Corumbiara
Eldorado dos Carajás...
A pedagogia dos aços
Golpeia nosso corpo
Essa atroz geografia.
Há cem anos,
Canudos
Contestado
Caldeirão...
A pedagogia dos aços
Golpeia no corpo
Essa atroz geografia...
Há uma nação de homens
Excluídos da nação
Há uma nação de homens
Excluídos da vida
Há uma nação de homens calados,
Excluídos de toda a palavra.